sintomas estéticos
do plural

sintomas estéticos do plural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P637sPileggi,Rubens

Sintomas estéticos do plural/Rubens Pileggi; Selma Rodrigues Parreira.– 2. ed. – Goiânia: Gráfica UFG, 2017.

24p. : il.

ISBN: 978-85-495-0157-8

1.Arte brasileira. 2.Faculdade de Artes Visuais UFG. 3.Formação artística.I. Título.

CDU378.046.2::7.07:347.784

Catalogação na fonte: Natalia Rocha CRB1 3054

Desde que iniciei meu trabalho na Galeria da FAV como seu coordenador, entre março e abril deste ano de 2017, tenho em mente que uma gestão pública, ainda mais federativa, deve levar em consideração os alunos, os professores, os técnicos e a comunidade como potenciais colaboradores, parceiros e público de nossas investigações, processos e resultados teóricos e práticos.

Desse modo, tenho incluído os estagiários em instâncias decisórias da prática da arte e de seu circuito; aberto a galeria para exposição de alunos e; como nesta exposição em que Selma Parreira e eu somos curadores, convocando os docentes para ocuparem o espaço da Galeria da FAV.

Apesar do trabalho estar apenas começando e da escassez de recursos para alçar voos maiores a curto prazo, a cada pequena conquista e ou solução encontradas para resolver o mínimo, que seja, nos fortalecemos para continuar naquilo que acreditamos.

A prática da docência afirma-se na experiência e a Galeria da FAV tem o prazer de sediar essa segunda edição de Sintomas Estéticos do Plural, incorporando a pesquisa de seus professores artistas, unindo docência com criação, estabelecendo diálogos entre pesquisas, trazendo estudantes para participarem do processo e entregando ao público o que temos de melhor enquanto professores de artes visuais: nossa criação, nossa criatividade.

Diante da situação atual que o país atravessa, torna-se uma afirmação de resistência insistir na educação, na cultura e na arte como forma de mostrar que estamos vivos, atentos e agindo em prol da arte e da cultura. Assim, agradeço a cada um dos artistas que confiaram a mim a entrega de suas obras para a exposição. Aproveito para externar a honra em ter Selma Parreira como parceira em mais esta edição destes nossos "Sintomas...".

Agradeço também aos técnicos administrativos e aos servidores terceirizados que me ajudaram a resolver desde problemas burocráticos, passando por pequenas reformas no espaço expositivo e, também, no serviço de limpeza. São essas pessoas que, nesse processo "cirúrgico" de entender os sintomas estéticos do conjunto, permitem – através de seu trabalho muitas vezes invisibilizado – que as partes possam dialogar.

Que o diálogo se estabeleça e que a leitura dos sintomas seja cada vez mais aprofundada!

Rubens Pileggi – coordenador da Galeria da FAV

OS SINTOMAS DA GALERIA

Um modo de apreciar a exposição Sintomas Estéticos do Plural é o de fazer da observação um instrumento primeiro a ser adotado como ferramenta de conhecimento. É a partir do olhar que encontraremos as características peculiares de cada imagem. Assim como o médico interroga o paciente devemos interrogar as obras. A matéria eleita pelo artista pode indicar o início de cada jornada estética e as superfícies denotarem a sua complexidade. Nesse espaço arquitetônico, a arte que ali se apresenta acomoda uma biosfera própria, os elementos essenciais à vida estão reunidos: o solo, a água, o ar, a luz, o calor, as plantas, o alimento que nutre o corpo. A atmosfera circunda os corpos, o ar com sua mobilidade propaga o som e os odores, alimenta o fogo, se opõe aos elementos mais passivos como a água e a terra. A atmosfera é, sobretudo, a matéria intermediária entre as esferas terrena e espiritual. Esse pode ser compreendido como o ponto nevrálgico da exposição, o corpo e sua aparente superficialidade, por ser um extrato terreno, detém uma consciência que é conduzida pelos impulsos e instintos e, ao final, se deixa levar às transformações psíquicas e espirituais. As propostas artísticas apresentadas adquirem no espaço uma interdependência. Cada extrato é potencializado e é modificado pelos demais. O olhar que se lança para a compreensão do conjunto inevitavelmente mergulha em um sintoma coletivo.

As respostas encontradas após a interrogação das obras podem ser surpreendentes. Partindo das perguntas sinceras e essenciais, o espectador reconhecerá que o seu passeio pelo espaço expositivo pode proporcionar uma aproximação com a cultura na qual cada artista se contamina. O sintoma que se delineia na exposição não está dissociado do artista e nem o submete, pois este se vale dele positivamente.

Patrícia Bueno Godoy

MAPEAMENTOS ESTÉTICOS DOS AFETOS

A galeria da FAV acolhe em sua segunda edição a exposição Sintomas Estéticos do plural 2, que reúne uma seleção de trabalhos de professores artistas e pesquisadores do curso de Artes Visuais. Exposição está, cuja particularidade não consiste seguir uma proposta curatorial norteada a partir de um ponto de vista único, monotemático, mas pensar um espaço expositivo oferto ao visitante baseado em um conjunto heterogêneo e fragmentado em que as obras possam relacionar-se uma com as outras.

A proposta curatorial reflete assim a ideia de estruturar e distribuir as obras em um cubo com forte ascendência cenográfica, seguindo alguns eixos delimitados acerca de inquietações plásticas e estéticas contemporâneas, perpassando o próprio olhar para cutucando sutilmente os outros sentidos de percepção tais como o ouvido, o tato e o cheiro. Escolha sutil e pertinente na medida em que essas obras venham explorar e revisitar ao nível local linhas de criação que fazem parte de um caleidoscópio visual cultural nacional, e transcrevem o que atravessa de longe ou de perto a nossa trajetória cotidiana.

Ambos dos blocos temáticos exploram o espaço em suas mais diversas vertentes, perpassando a sua materialização física fortemente marcada desde o início do percurso pela grade de madeira de Marcos Soares quase bloqueando o acesso, passando pelas sobras de ruínas impressas de Glayson Araújo, as composições geométricas de Selma Parreira; seguem depois as instalações sonoras de Rubens Pileggi questionando o som e o ruído enquanto matéria plástica intangível, ecoando com as xilografias urbanas de Zé César, e as gravuras reunidas em um livro de sobras por Adriana Mendonça, tal as contas de serpente.

Ambos dos trabalhos questionando tanto o processo de mudança do ambiente quanto os seus efeitos no corpo humano. A temática do corpo continua com um terceiro eixo explorando dessa vez o tema do território – fictício ou afetivo –, em sua habilidade produtiva de memória e narrativa, que se costura ao longo do tempo. Corpo afetivo este que encontra a sua encarnação através dos frágeis volumes costurados de Eliane Chaud, do conjunto cartográfico de Manoela Afonso, ou ainda nas composições fotográficas de Odinaldo da Silva.

Esse corpo afetivo torna-se finalmente percorrido pelo espaço do imaginário, pelo olhar nômade de Patricia Osses, e pelo traço de Edgar Franco, figurando algumas personagens

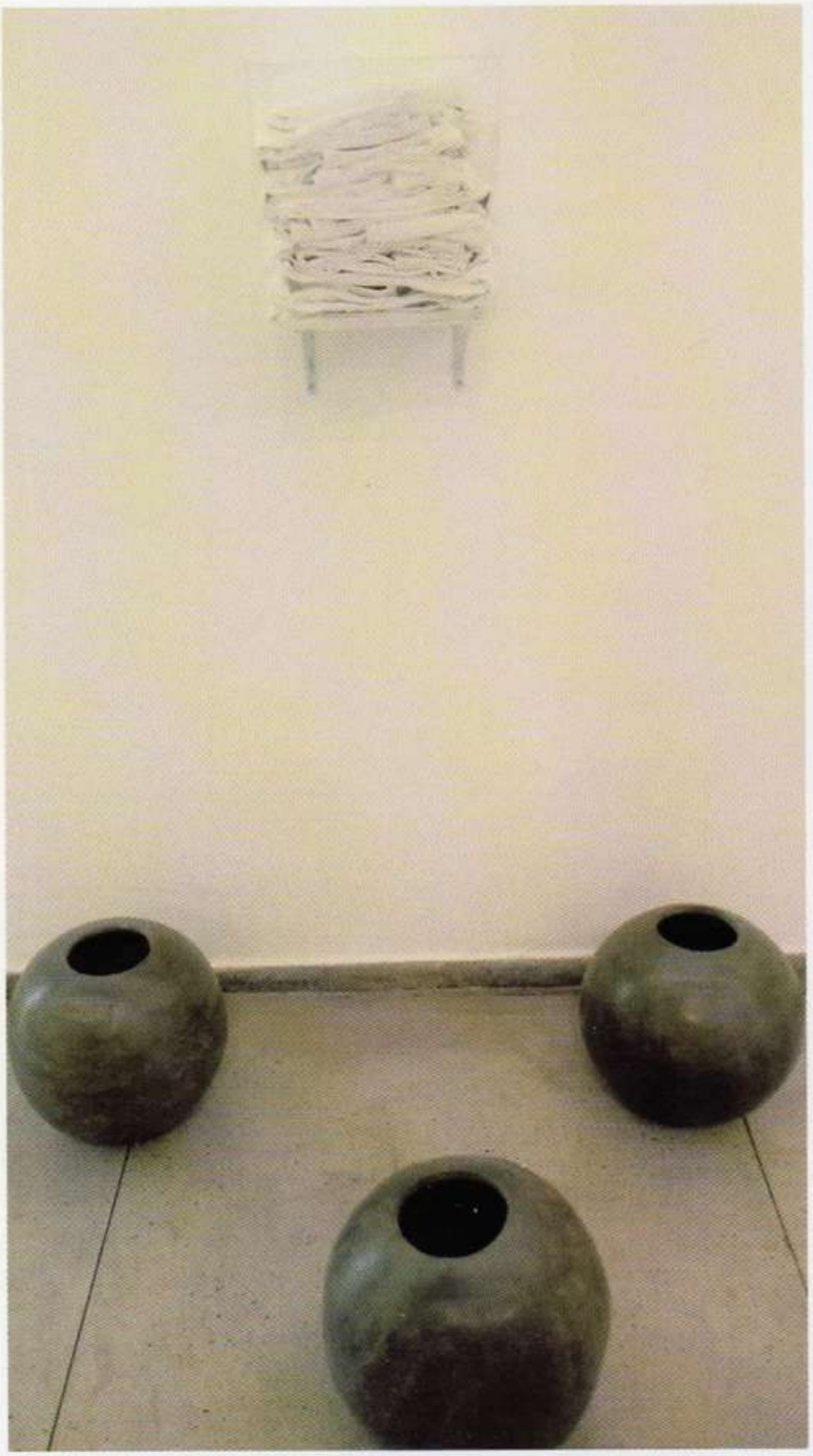
que parecem em constante mutação, e acha o seu último lugar enquanto receptáculo encarnado na instalação de Anahy Jorge e na mesa de Maria Tereza Gomes, lembrando os antigos boticários, oferecendo para quem quiser se prestar ao jogo, todo conhecimento curativo dos herboristas quilombolas.

A exposição, pensada com muito cuidado, convida o espectador à transitar dentro desse cubo cenográfico, potente e frágil, e leva na reformulação interativa na construção geométrica que vem operar novos diálogos. Nesse sentido, ela leia-se como um mapa. Seus contornos virtuais delimitam em si verdadeiros arquipélagos poéticos singulares, e reformulam assim o espaço utópico do sonho, livre, sensível, profícuo, à vezes sombrio. Tal o barco ébrio rimbaldiano, é um mundo flutuante, que oscila entre contemplação, reflexão, posição. É justamente o que legitima hoje em dia qualquer postura de ocupação, da margem ao centro, em suas diversas formas de expressão. Em um época particularmente saudosista, nada melhor expressar o choque do qual surge o desperto, necessária catarse de livre resistência estética, diante do pensamento único coercitivo.

Samuel de Jesus

Livro das cobras gravadas (2016-2017)
Livro de artista (70 x 30 cm)

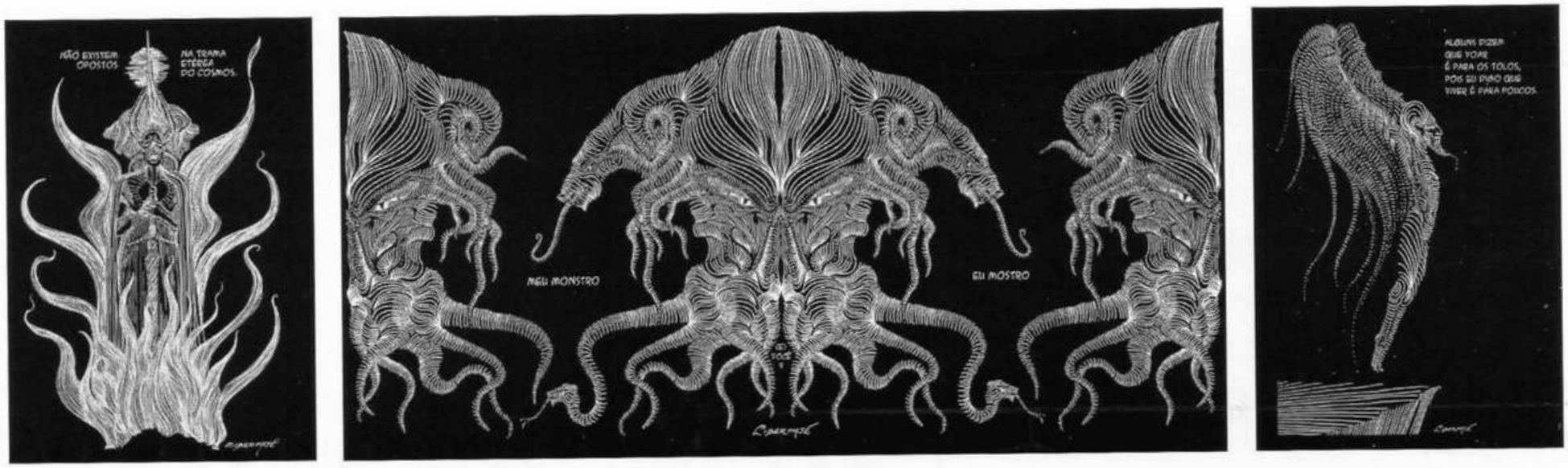
Adriana Mendonça



Limpa Corpo (2016)
Instalação: argila, enxofre (gordura), sal, mercúrio, acrílico e roupas brancas

A instalação Limpa Corpo (2016) fala do funcionamento do complexo corporal humano e do conceito de transmutação envolvendo o campo da Alquimia, Física Quântica, Biologia e experiências intra e extracorporais.

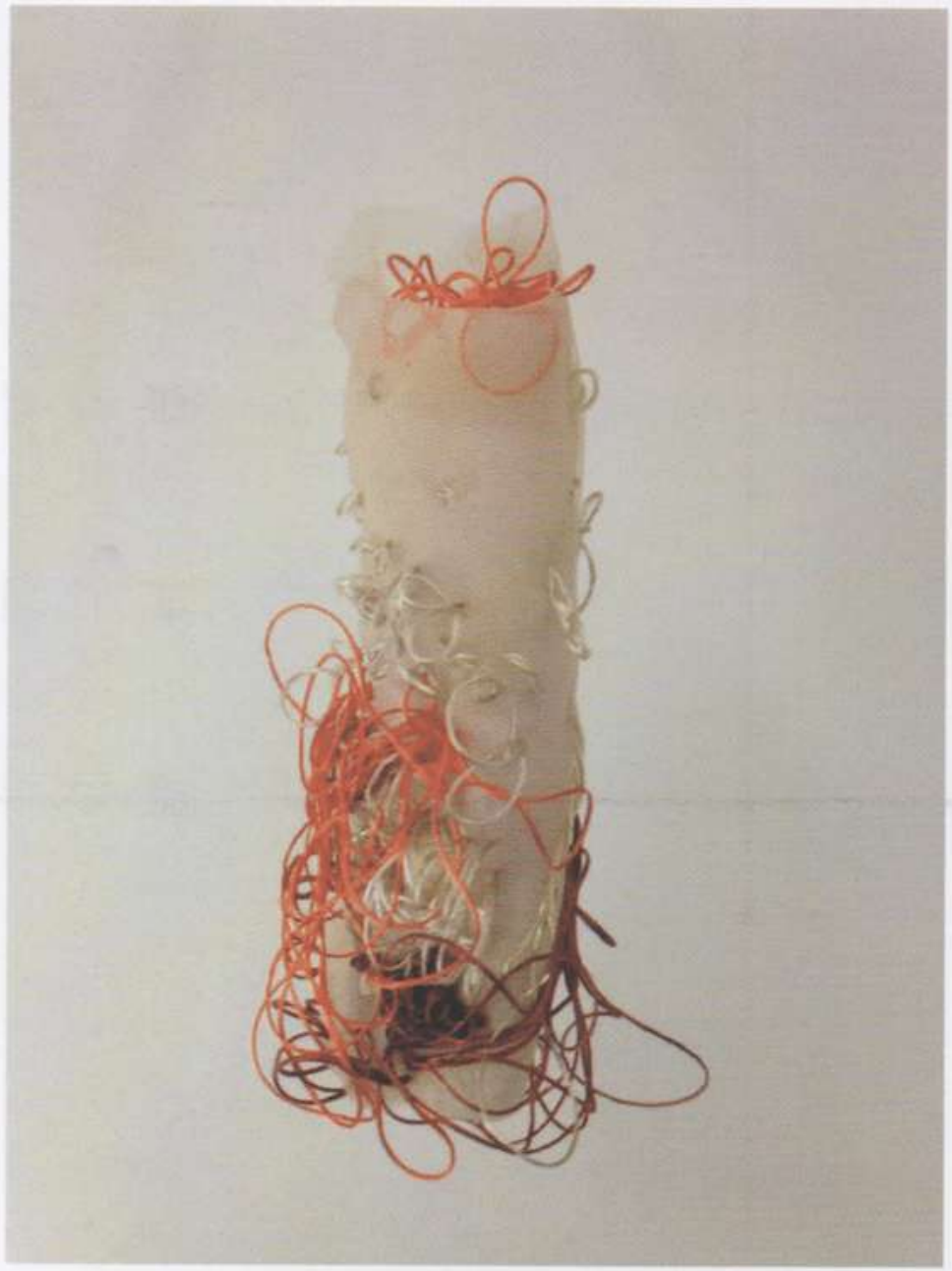
Anahy Jorge

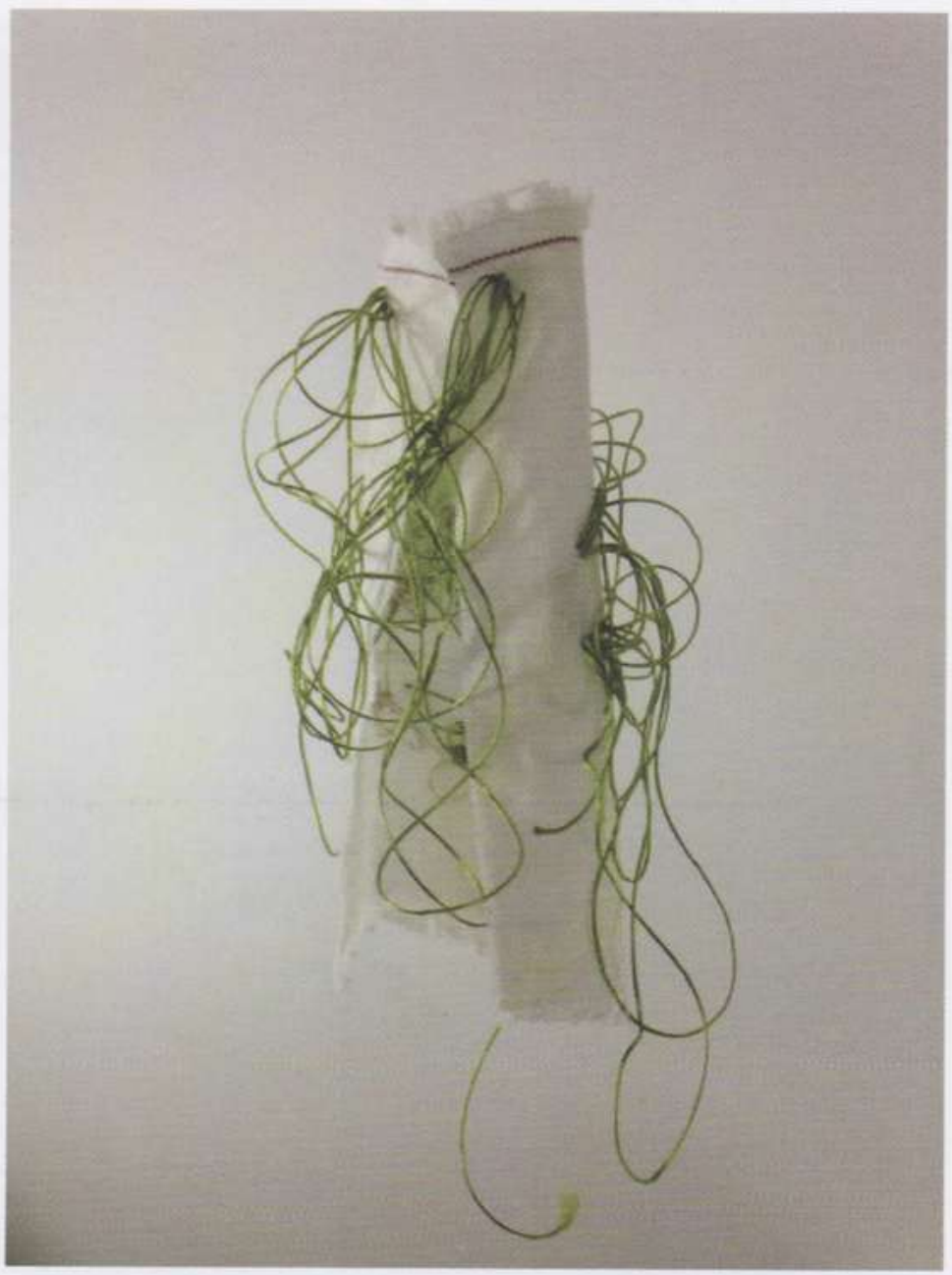


3 HQforismos do Ciberpajé (2017) Nanquim sobre papel, finalização digital
(20 x 28 cm; 56 x 28 cm; 20 x 28 cm)

Os 3 HQforismos apresentados nessa exposição utilizam a técnica de nanquim sobre papel e finalização digital e foram criados com inspirações diferentes. O primeiro é visionário e foi criado inspirado numa das visões de uma experiência de ENOC – estado não ordinário de consciência – com a ingestão do enteógeno Ayahuasca; o segundo é uma homenagem ao mestre do horror H.P.Lovecraft e seu emblemático Cthulhu, e o terceiro é fruto de um processo de "ritual de presença", baseado na magia do caos. Os três são expostos em sequência criando uma narrativa na tradição non-sequitur (McCLOUD, 1995).

Edgar Franco





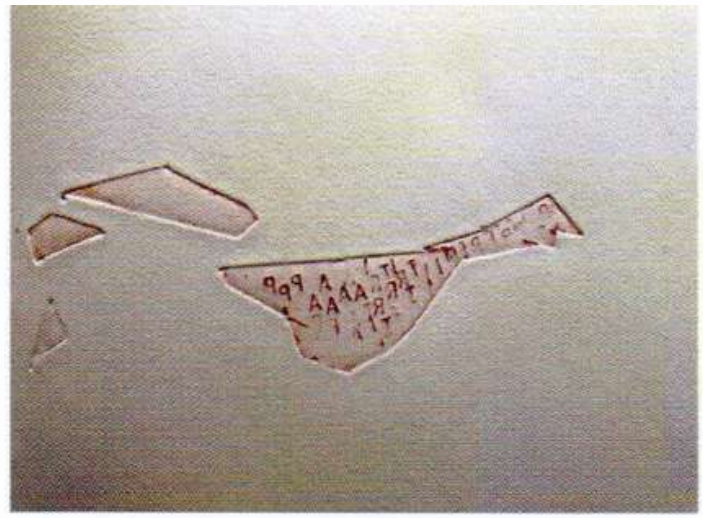
Estudos, **para pensar composição, cor, volume e outros**
Tecido (linho) e linha de viscose

Eliane Chaud

Sem Título (da série "Arquivos de destruição") (2015-2016)
Fotografias sobre cacos de parede de casas demolidas

O que nos dirão as ruínas sobre tempo e espaço quando nelas encontra-se uma parte que é permanência e outra que é puro esquecimento? Os trabalhos da série "Arquivos de destruição" se constituem de pequenos pedaços de paredes coletados junto aos escombros de casas em processo contínuo de demolição e deslocados para o ambiente da galeria. Ao condensar operações e instantes de construções e destruições, estes fragmentos irão operar com a possibilidade de uma documentação, que, paradoxalmente, carrega junto a si algo das camadas e dos vestígios de um tempo-espaço em contínua transformação.

Glayson Arcanjo



Leaving to become (2013/2017)
Gravura, postais, pedra em porta-jóias, inflorescência

Hy-Brazil é um mito celta sobre uma ilha fantasma que possui diversos nomes e localizações. Conta-se que ela está imersa em nevoeiro e aparece por apenas um dia a cada sete anos. Para lidar com suas múltiplas identidades é necessár que nos concentremos mais na combinação de narrativas do que na busca de certezas históricas e geográficas sobre a ilha. É com base em suas características oscilatórias que tomo Hy-Brasil como chave para me aproximar de lugares inalcançáveis.

Manoela Afonso Rodrigues

Escoras (2017)
Instalação com materiais diversos (interior e exterior da Galeria da FAV)

Participantes:
Alice Castro Cardoso
Carlos Monaretta
Cristiana Oliveira Brito
Emili Hirabara Tanaka
Matheus Pires
Karina A. André
Ligia Montagna
Lucas Caslú
Maria Cecília de Boni
Maria Eduarda Lucena
Nathalia Eloá
Sheridan Michael
Verônica Fernandes

Escoras. Escoras escoradas. Escoras humanas. Esteios do infinito escorando o nada. Sustentação efêmera de materialidades, formas e conteúdos apodrecidos pelo tempo. Provisoriedade, precariedade, acaso, improviso, fragilidade da vida em processo. Bases do eu em nós. Início e fim de uma construção inacabada, colaborativa, forjada no projeto poéticas interinvencionistas: pois, toda matéria humanizada é significativa.

Marcos Soares

Mezinhas (2017)
Ervas, louça, chás, desenhos e aquarelas

Desenhos, traçados pela mão ao se movimentar no ar. A linha traçada pela fumaça ou aroma do chá ou do incenso. O visível e o não visível. Registro sensível inspirado pela performance dos mestres raizeiros ao manusear os galinhos de ervas.

Maria Tereza Gomes

Retorno a Itabaiana (2016) Fotografias impressas em papel fotográfico (30 x 40 cm)

"Retorno a Itabaiana" propõe uma tentativa de resgate de uma imagem do corpo infantil do artista. Utilizando a viagem como proposta metodológica para a construção de protocolos poéticos, o artista se coloca na paisagem de suas lembranças através de uma peça de vestuário usada por ele na época. Corpo, paisagem e viagem são temas e questões recorrentes na produção atual do artista.

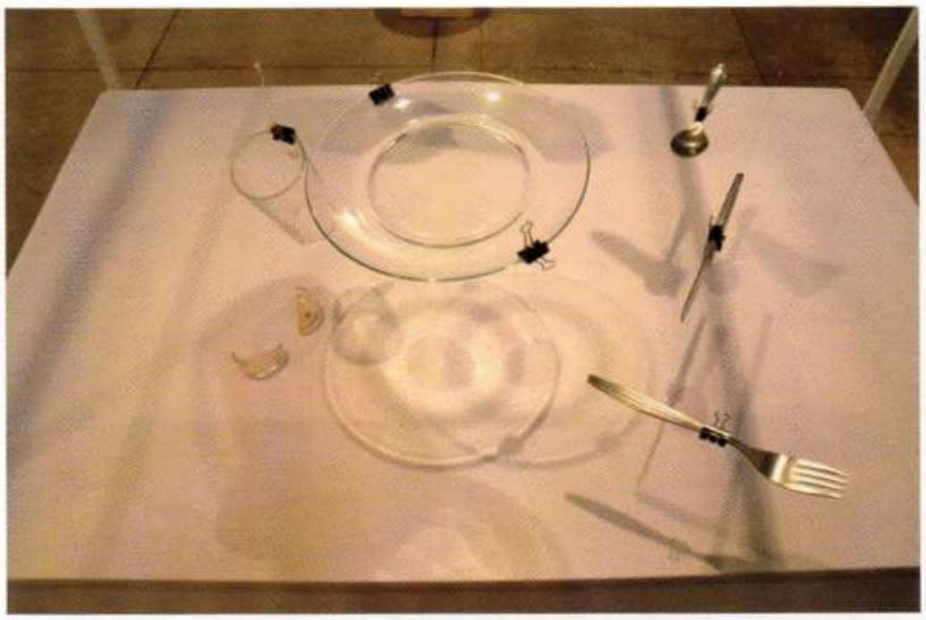
Odinaldo Costa

Rhinoceros (2014) video, 7'02"

**"Todos os dias, no crepúsculo, um rinoceronte passeia pelas ruas de Nevers.
Procuro por esse animal extraordinário todos os dias."**

O universo é aquele das possibilidades infinitas das narrativas que vagam, percorrem, e figuram o espaço literário. A obra anuncia a existência de um inusitado habitante que vaga pelas ruas vazias, sinuosas e estreitas de Nevers, um Rinoceronte de "exageradas dimensões" que caminha diariamente pela cidade. Antes signo que lugar, Nevers, que na relação singular com as palavras pode ser traduzido do inglês como o lugar dos "nuncas" é, por sua vez, um dos lugares reais da ficção de Marguerite Duras, Hiroshima mon amour. É imprescindível que se reflita sobre a geografia imaginária, perseguida não apenas no sentido figurado que o verbo permite sugerir, mas em sua dimensão literal, no deslocamento que prefigura e anuncia. E assim sendo há uma ação: o ato próprio da busca, empreendida por "lugares" que se convertem em imagens e cuja aurora advém das infinitas possibilidades da ficção.
Adaptado do texto de Patricia Wagner, crítica e curadora.

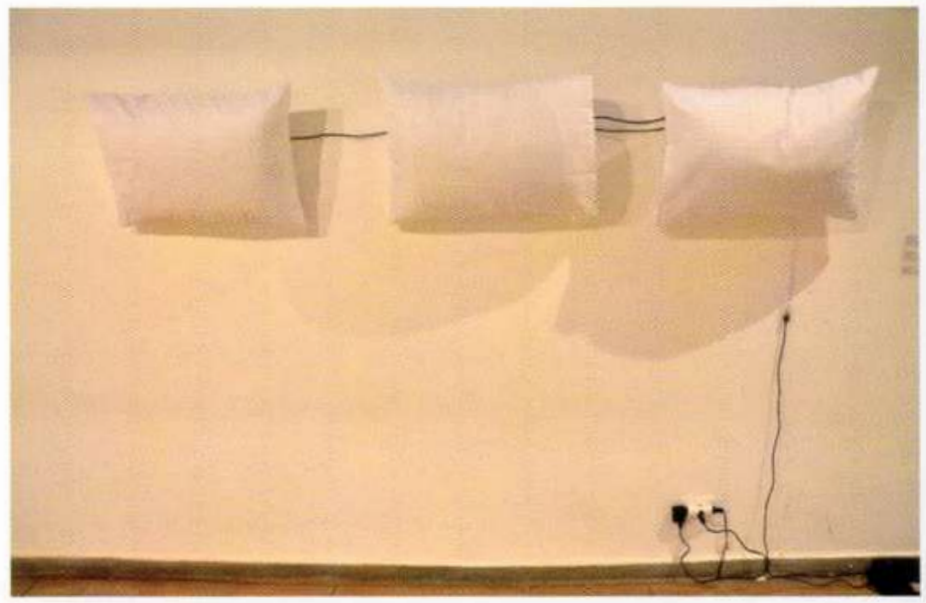
Patricia Osses



Alto mar (2016): mesa de jantar com talheres suspensos e ventilador (110x130x180cm)

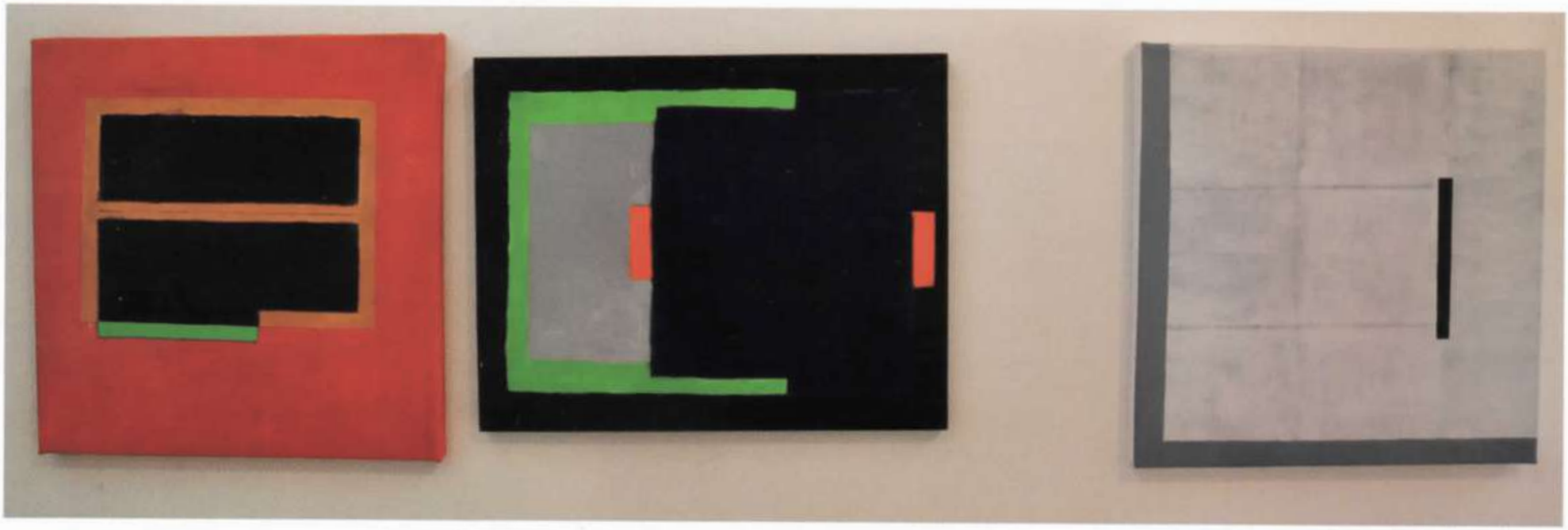
Turvo (2016). bacia com água e terra, amplificador e alto falante. O som, grave, faz a água borbulhar (40X40X40cm).

Insônia (2012/2017). 3 travesseiros sonorizados (170x50cm).



O chão tremendo anuncia o terremoto. O terremoto anuncia a tragédia. A tragédia traz a calamidade. A arte reage retirando do mundo o que o mundo lhe dá. E devolve, em forma de sintomas materializados, uma ficção para que a realidade seja suportável.

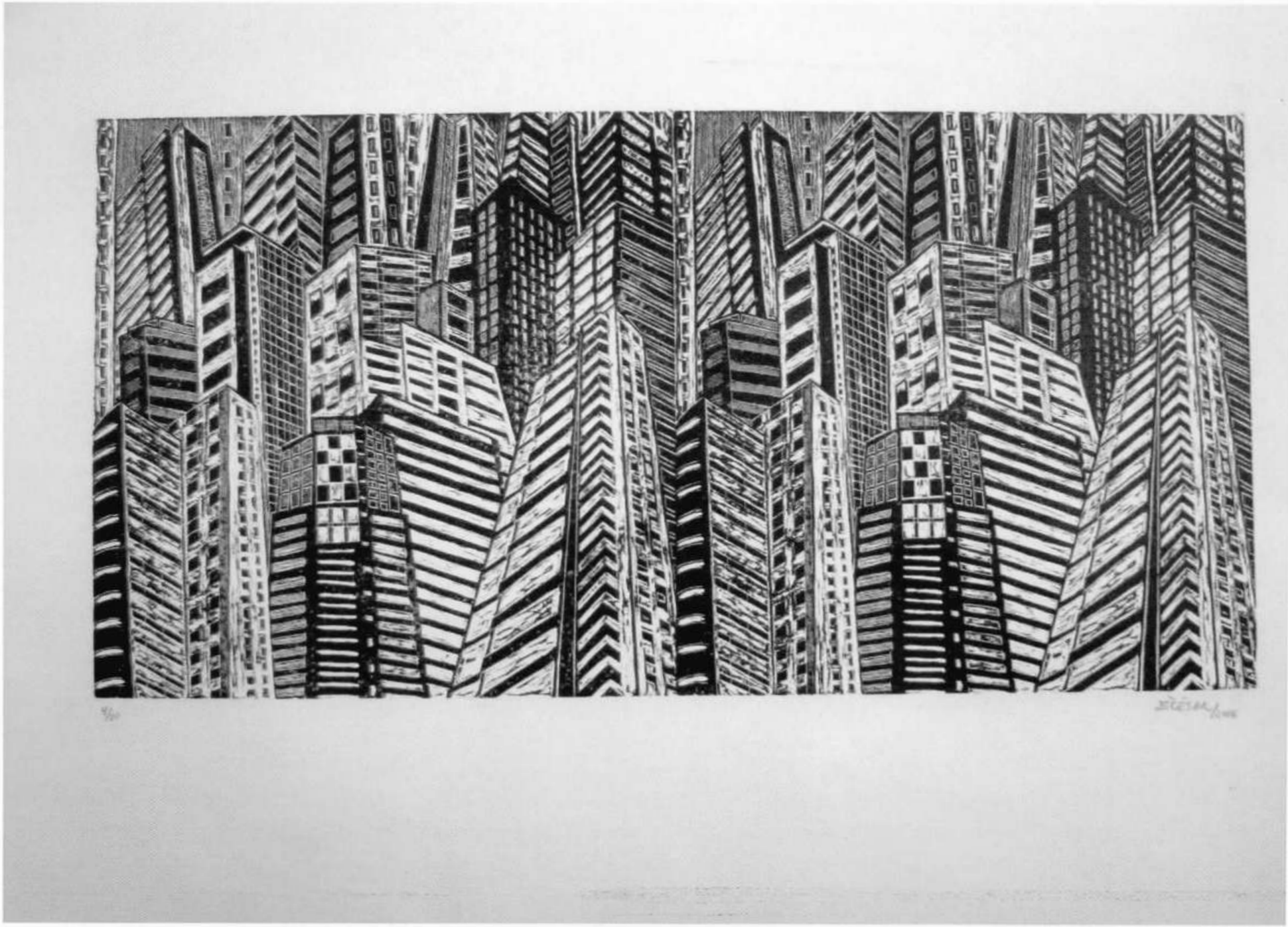
Rubens Pileggi



Projeto: MACHINA poética e memória do espaço e dos objetos. (2017)
Acrílico sobre tela (60x60)

Estes trabalhos se localizam em um parênteses da minha pesquisa de produção visual: Machina - poética e memória do espaço e dos objetos. Neste recorte falo dos espaços geométricos de pequenos formatos que a mim se apresentaram obstruídos, danificados e sem função definida. São ex- janelas e ex- passagens de pequenos formatos no meio de uma ruína. Deles, a geometria que resiste é o assunto que desperta meu olhar e me motiva uma reconstrução através da pintura.

Selma Parreira



Título: da série Metrópolis (2016)
Técnica: gravura em relevo – matriz de MDF (29x59)

Zé César

ISBN: 978-85-495-0157-8

GALERIA DA FACULDADE DE ARTES VISUAIS UFG

Reitor da UFG
Prof. Orlando Afonso Valle do Amaral
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
Prof.ª Giselle Ferreira Ottoni Candido
Diretor da FAV
Prof. Bráulio Vinícius Ferreira
Coordenação da Galeria
Prof. Rubens Pileggi Sá
Monitoria Design Gráfico
Ary Augusto Ferreira Neto
Estagiários de Artes Visuais
Anna Beatriz Cardozo, Artur Amaral, Gabriel Pacheco, Huggo Piantino, Isaías Xavier, Mariana Gaebler e Rafael Machado Paiva

Galeria da Faculdade de Artes Visuais/UFG. Campus II. Edifício EMAC (Escola de Música e Artes Cênicas)
CEP 74690-900. Goiânia –GO Tel: +55 62 3521-1445. http://galeriafav.fav.ufg.br/

fav FACULDADE DE ARTES VISUAIS | UFG
PROEC PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA
UFG UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

10 de outubro a 14 de novembro 2017